

“O que não se consegue com o dinheiro”
A Associação Atlética Anhanguera e o futebol amador nos anos 1930

DIANA MENDES MACHADO DA SILVA*

*Pelo menos tão importante como a
circunstância do que um povo joga, é
certamente a de como esse jogo é
praticado, em que formas se manifesta e
se organiza e a que necessidades e tensões
profundas ele propicia uma descarga.*

Anatol Rosenfeld

I.

Este artigo se propõe a apresentar os resultados parciais de uma pesquisa que tem como objeto aspectos da trajetória da Associação Atlética Anhanguera, um clube de futebol de várzea da cidade de São Paulo criado em 1928 e ainda em atuação. Formado por jovens descendentes de imigrantes italianos, o clube usufruiu, como dezenas de outras agremiações esportivas, da várzea do rio Tietê para o jogo de futebol. Além disso, promoveu a bocha e o truco (entendidos como divertimentos indissociáveis da cultura da várzea), teve um forte departamento de pingue-pongue até o final da década de 1950 e era conhecido pelos bailes e festivais que organizava. Em seus 83 anos de existência, a Associação passou por onze campos de futebol, sempre nas imediações da Barra Funda e do Bom Retiro, o que indica sua grande circulação por esses bairros e sua capacidade de renovação. A agremiação manteve-se com sedes sociais, campos próprios e um grupo estável de sócios à revelia da especulação imobiliária na região que desde o início dos anos 1940, levou à dissolução os inúmeros campos e clubes de futebol de várzea. Há cerca de 20 anos, tornou-se um dos Centros Desportivos da Cidade e passou a gerir o Clube da Comunidade Roberto Russo (nome do presidente que por mais tempo dirigiu a agremiação, entre 1961-1986) como uma entidade jurídica em parceria com a prefeitura da cidade. Conta atualmente com cerca de 150 sócios que ainda são, em sua maioria, descendentes dos italianos que ali se instalaram em fins do século XIX e começo do XX.

* Graduada em História pela FFLCH-USP. Mestranda em História Social pela FFLCH-USP com a pesquisa “O que não se consegue com o dinheiro. Cultura e futebol de várzea na cidade de São Paulo na primeira metade do século XX”, sob a orientação do Prof. Dr. José Geraldo Vinci de Moraes. Endereço eletrônico: dianamendes@usp.br.

A trajetória da agremiação Anhanguera figura como o eixo fundamental da pesquisa por trazer elementos que possibilitam a reflexão sobre o complexo processo de acomodação do futebol nos clubes populares durante a primeira metade do século XX em meio às transformações urbanas pelas quais a cidade passava. Por seu intermédio foi possível investigar um núcleo de experiências individuais, coletivas e institucionais de seus agremiados com foco na maneira como vivenciaram o futebol¹.

A periodização escolhida para o trabalho, 1928-1958, visa acompanhar as transformações ocorridas na dinâmica do esporte, considerando principalmente o lugar ocupado pelo futebol de várzea nessa trama. Além da fundação do clube, em 1928 surge também o jornal semanal *A Gazeta*, que desde o início noticiava eventos relacionados à várzea². Em menos de um ano, o tabloide passou a ser publicado duas vezes por semana, ampliando consideravelmente as reportagens e crônicas sobre o futebol de várzea. Ele fazia desde chamadas para jogos e eventos sociais³ até comentários sobre o “caráter” tipicamente “paulista” do futebol varzeano.⁴ Em 1958, o Brasil se sagra campeão mundial de futebol, tendo à frente Pelé e Garrincha, vistos respectivamente como representantes do futebol popular de São Paulo⁵ e do Rio de Janeiro. Inspirada pela conquista, a *Gazeta Esportiva Ilustrada* inicia uma série de cadernos especiais sobre o futebol de várzea em São Paulo, narrando a trajetória de agremiações de todas as regiões da cidade, inclusive do Anhanguera.⁶ A conquista do campeonato mundial

¹ Esse esporte é também central em nosso trabalho por representar, ao mesmo tempo, um *índice* de práticas socioculturais urbanas, uma *linguagem* comum por meio da qual diferentes grupos e classes sociais da cidade dialogaram – não sem confrontos – e, por último, um *discurso* a partir do qual tais segmentos da sociedade se autorrepresentaram. Perspectiva complexa discutida por Roberto DaMatta que entendia o futebol como um *fenômeno cultural total*. É também encontrada em ensaios e pesquisas recentes. Ver: (FLORENZANO, 2009); (WISNIK, 2008); (FRANCO JR., 2007).

² Referências à várzea são também encontradas em *Folha da Manhã* e *Estado de São Paulo*. No entanto, a *Gazeta* comporta um diferencial: a ativa participação dos “varzeanos” na pauta do caderno de futebol de várzea.

³ Principalmente bailes dançantes e festivais com espetáculos teatrais e musicais. Os eventos do Anhanguera e de outras agremiações eram frequentemente anunciados pelo jornal.

⁴ Afirmada principalmente após a vitória dos paulistas sobre os cariocas no campeonato nacional de 1929, em matérias com o seguinte teor: “Depois que nossos jogadores, no Rio, surraram os até então campeões do Brasil, os varzeanos adotaram imediatamente certas maneiras de se exprimirem. Dizem agora com displicência: – Vamos jogar lá no Canindé ‘no puro’ systema paulista. Vae de 4 [...] A varzea torce phantasticamente para as cores de São Paulo” (*A Gazeta*, São Paulo, 15 de dezembro de 1929).

⁵ Nascido em Minas Gerais, Pelé foi morar em Bauru ainda na primeira infância e depois se transfere para Santos.

⁶ Já na segunda edição dessa série, no final de 1958, sob o curioso título “A. A. Anhanguera – O clube

também consolida o discurso sobre o estilo brasileiro de jogo, calcado fundamentalmente na prática popular, do qual *A Gazeta Esportiva* será também difusora.⁷

Embora a pesquisa seja orientada por essas e outras questões, este artigo se propõe a apresentar apenas uma delas. Trata-se de analisar a forma como a agremiação se autorrepresentou no período estudado – valorizando a dimensão do amadorismo – em face da profissionalização do futebol e em diálogo com as transformações urbanas e sócio-culturais da cidade.

II. “O que não se consegue com o dinheiro”

Não é um clube rico, com sede própria e praça de esportes moderna com todos os requisitos, pois isso é raro e difícil na várzea, onde tudo é conseguido com sacrifício e o maior patrimônio das agremiações são os seus abnegados (e que patrimônio precioso!) A A.A Anhanguera, como frisamos, não é rica e não tem bens imóveis, mas tem muito mais que isso: ela tem o que não se consegue com o dinheiro! Ela tem tradição! Ela tem um passado limpo e honesto! Ela tem 30 anos de rutilante e gloriosa existência! Ela tem projeção no bairro onde goza de simpatia geral! Tem um vasto círculo de relações com os clubes varzeanos, pois dentro e fora do gramado tem sabido conquistar amigos!

Extraído da série de reportagens especiais de *A Gazeta Esportiva Ilustrada* dedicada à história dos clubes de futebol de várzea de São Paulo⁸, o excerto acima figura como introdução à narrativa da trajetória da Associação Atlética Anhanguera, na edição de junho de 1958.⁹

A operação realizada na apresentação é inequívoca, trata-se de identificar a agremiação pelos valorosos traços de seus associados: a abnegação em face das restrições materiais, a lisura e a amizade com que se relacionam com as demais

que faz o bairro sorrir”, bordão ainda hoje utilizado pela agremiação.

⁷ Um bom exemplo é a reportagem “No Brasil, jogador de futebol nasce feito”, que comparou o modo de se aprender futebol no Brasil e na Europa. Aqui, os talentos seriam “naturais” e “apareciam” em simples brincadeiras de rua, enquanto em terras europeias o futebol era *ensinado* como “matéria qualquer” (*A Gazeta Esportiva Ilustrada*, março de 1959 – grifo nosso).

⁸ Segundo seus editores, *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, de publicação quinzenal, visava uma abordagem mais profunda dos assuntos esportivos e era enriquecida por análises de especialistas e “ricas ilustrações”. Em maio de 1958 ela inicia uma série de reportagens voltadas para o futebol de várzea,

⁹ A reportagem sobre a A. A. Anhanguera foi publicada em seu no. 113, na 1ª quinzena de junho de 1958.

agregiações. Em síntese, trata-se de apresentar o clube por meio de valores que afirmam laços de solidariedade em contraposição à “lógica” do dinheiro.

A defesa dessa imagem, no entanto, não representava novidade na agregiação. Em ata de 1928, poucos meses depois da fundação do clube, os sócios-fundadores Bartholomeu Maggi e Saverio Russo iniciam uma discussão sobre a escalação para um importante jogo contra o clube Carlos Gomes, então principal rival do Anhanguera. Diante da assembleia, Saverio:

[...] para defender-se das acusações feitas por alguns dos [...] directores, começa sua defeza referindo-se ao Sr. Marciano Queiroz que estando em atrazo nos cofres sociais era escalado em todos os jogos que este club realizava, que era, portanto, um grave erro que comettia a nossa directoria pois não era justo ser elle substituído pelo Sr. Queiroz na actuação do primeiro quadro, enquanto esse não cumprisse com as suas obrigações. (Atas Anhanguera, 22 de outubro de 1928).

Saverio era frequentemente acusado de reclamar e “arranjar encrenca” toda vez que não era escalado para jogar. E a ata prossegue:

Quanto a sua discussão com Sr. Barthô, disse ser exata, pois que elle, Saverio, era alvo da direcção esportiva toda vez que escalavam o primeiro quadro. Neste caso, já não se tratava de questão da sociedade, mas sim [...] desta direcção esportiva que aliás não poderá ser admissível menosprezando tão esforçado sócio e fundador para amparar forasteiros que aqui se alojam procurando impôr o profissionalismo, para a provável decadência de nossa novel e progressiva sociedade. (idem).

A discussão perdurou semanas, com acusações de parte a parte, até ser retomada em abril de 1929, quando comparece à assembleia o sr. Delfim, diretor esportivo responsável pela escalação dos jogadores, “dizendo que sendo director esportivo não quer saber se os jogadores pagam ou não a mensalidade, que o que ele quer é ver bom quadro em campo”.¹⁰ Além das prováveis disputas internas e do evidente despeito de Saverio, outra questão parece orientar o debate: o *talento* ou a *competência* – associados ao *profissionalismo* na ocasião – seriam critérios legítimos para a escalação de jogadores e para a autoimagem do clube? Com que situação externa o clube estava dialogando?

Inicialmente interessa notar quais os argumentos de Saverio. Eles estabelecem uma oposição entre os valores do esforçado sócio fundador e do forasteiro, o que resulta

¹⁰ Atas Anhanguera, 29 de abril de 1929.

em uma dualidade de interesses presente no clube. Saverio parece se colocar como representante dos interesses que guardam similaridade com o conteúdo do texto publicado por *A Gazeta* no ano em que o Brasil ganharia sua primeira Copa do Mundo. Os mesmos que, curiosamente, são evocados em 1971, em festa comemorativa do primeiro ano do Anhanguera em nova sede¹¹, quando o então presidente da associação, Roberto Russo, filho de Saverio:

[...] após breve alocução, agradecendo o Dr. Brasil Vita, com muita felicidade, teceu várias considerações sobre o esporte, principalmente o amador, o grande elo entre Sociedades e pessoas, um dos maiores veículos de estreitamento de amizades. (A Gazeta Esportiva, 02/06/1972)

Embora motivadas por situações diversas e recolhidas em momentos históricos também muito diferentes, não se pode deixar de notar as semelhanças entre a estrutura e o conteúdo dessas formulações, nem de refletir sobre a função que elas assumem em cada situação. A reunião de elementos com sentidos tão vigorosos como *a honestidade*, *a honra* ou *a tradição* – em oposição ao *profissionalismo* e ao “dinheiro” – produziu uma imagem de *amadorismo* para o clube que perdura, sendo constantemente atualizada por seus membros.¹² Desse modo, o *amadorismo* figura como um princípio que envolve, organiza ou até mesmo “produz” os eventos da história da agremiação.

Os elementos que compõem o que o Anhanguera defende como *amadorismo* são centrais nessa pesquisa sobretudo porque fornecem um *sentido*¹³ estável para a história da agremiação. Por sua vez, esse sentido oferece uma porta de entrada para o complexo universo do futebol vivido em São Paulo no período que nos interessa. Por revelarem as formas pelas quais o clube se apresentava – por suas identificações e diferenciações –, adentramos um núcleo de tensões que extrapola a experiência dessa agremiação.

¹¹ À Rua dos Italianos, 1261, por “comodato” de 30 anos, oferecido pelo vereador João Brasil Vita e pelo então prefeito Paulo Salim Maluf.

¹² O que também se verifica na atualidade, seja nos centenários clubes varzeanos como o Nacional, ou Cruz da Esperança, seja nos jovens clubes de várzea. Não se pode negar, por exemplo, as semelhanças entre os conteúdos dessa imagem e daquela revelada por Daniel Hirata em sua pesquisa sobre o futebol varzeano contemporâneo. Em dado momento da pesquisa, ele analisa o “código de conduta” da várzea, baseado no lema “Lealdade, Humildade e Procedimento” (HIRATA, 2005).

¹³ Operação analisada por Beatriz Sarlo. Em síntese, a operação se refere ao processo de produção teleológica da história. Para ela, certas histórias são “versões que se sustentam na esfera pública porque parecem responder plenamente às perguntas sobre o passado. Garantem um sentido, e por isso podem oferecer consolo ou sustentar a ação. Seus princípios simples reduplicam modos de percepção do social [...]” (SARLO, p.14-15).

Essa experiência se estende aos demais clubes de várzea do período, pois nota-se que as características e os valores a eles associados pela imprensa e pelo discurso de seus sócios são muito similares ao que encontramos no Anhanguera¹⁴. Tal semelhança parece indicar uma espécie de representação coletiva de um amadorismo varzeano, com pequenas variações de clube para clube. E de maneira curiosa, parece abranger também o chamado futebol “de elite” que durante os primeiros 30 anos do esporte na cidade reivindicou para si a preservação do “verdadeiro sentido do amadorismo”. Assim, é notável que uma agremiação como o Clube Atlético Paulistano tenha partilhado de universo comum de representações do clube Anhanguera, embora tenham vivido o futebol de maneira tão diferenciada se considerarmos aspectos como: a especificidade dos espaços de que cada clube dispunha para a prática do jogo, velódromo ou várzea da Barra Funda; a presença ou não de público pagante para o acompanhamento das partidas e, portanto, da existência de outras formas de financiamento das atividades que não a mensalidade dos sócios; entre outros aspectos. Analisemos rapidamente aspectos da trajetória desse clube e da formulação de seu discurso sobre o amadorismo.

Fundado em novembro de 1900, na Rotisserie Sportsman por jovens representantes da abastada classe dos cafeicultores paulistanos, o Clube Atlético Paulistano esteve vinculado ao poder da família Prado¹⁵ desde seu início e figurou entre os que mais exerceram influência sobre o futebol até os anos 1930, tanto pelos resultados de suas partidas quanto por ditar as bases do que seria o *sportmanship*¹⁶. Foi o primeiro a se opor à entrada de clubes varzeanos na liga paulista de futebol e também o primeiro a se retirar quando isso aconteceu (ANTUNES, 1992). Segundo Waldenyr Caldas (apud ANTUNES, 1992), o Paulistano nunca se rendeu ao *bicho*¹⁷, mantendo

¹⁴ As demais reportagens de *A Gazeta esportiva ilustrada* confirmam essa percepção. É recorrente o uso de termos como abnegação, popularidade, amizade, honra, tradição, entre outros para caracterizar as agremiações de várzea. Há também depoimentos, como o do atual presidente do Clube Nacional do Bom Retiro, fundado em 1913, que opera com argumentos semelhantes para falar sobre o “fim” da várzea: “a várzea está diminuindo, em primeiro lugar, por falta de campos, em segundo lugar, por falta dos que gostavam de jogar, que tinham ‘amor à camisa.’” Depoimento de Jacó Kuperman, 77 anos, recolhido em 13/03/2011.

¹⁵ Sua primeira sede esportiva, no Velódromo de D. Veridiana Prado, ficou ali até 1917, quando se transferiu para o Jardim América. Anos depois, Antonio Prado Jr., neto de D. Veridiana, presidiu o clube por muito tempo.

¹⁶ Em linhas gerais, trata-se da cultura desportiva, com a valorização de elementos como o respeito aos códigos do esporte, o culto à excelência e à elegância.

¹⁷ Nas palavras de Franco Jr.: “O profissionalismo dissimulado (ou amadorismo marrom) praticado desde a década de 1910 alimentava-se das bilheterias e dos ricos patronos dos clubes. Cada vez era mais

intocada a imagem do futebol amador que praticava:

O esporte caminhava para a “modernidade e o profissionalismo”, e isso contrariava o espírito com que fora introduzido no Paulistano. Não havia bichos nem salários. Tanto que Friedenreich sempre jogou sem ganhar nada, senão honrarias. [...] Ao deixar o futebol, Fried conseguiu um emprego como inspetor de vendas da Antártica, onde se aposentou. (Club Athletico Paulistano. Corpo e alma de um clube centenário. São Paulo: DBA, 2000, p. 58).

Não se sabe se, de fato, Friedenreich¹⁸ não recebeu *bicho* enquanto jogou pelo clube, mas interessa notar como se deu a construção e a valorização dessa imagem. Em 1929, quando o Paulistano abandonou o futebol – deixando claro por que o fazia, nas palavras de Antonio Prado Jr.: “não há mais o espírito puro da disputa” –, sua revista mensal publicou a seguinte nota: “Considerando inteiramente perdido o organismo futebolístico paulista, em virtude do vírus da anarquia, do profissionalismo e de outras mazelas que o infeccionavam – o Paulistano extinguiu sua seção de *soccer*” (idem, p. 59). A analogia utilizada é oportuna porque permite, a um só tempo, evocar um sistema em harmonioso funcionamento sob o zelo de um médico (talvez) e denunciar a pureza perdida pelo esporte amador na degeneração por “vírus” e “outras mazelas”. Resta saber quem zelava por esse corpo e qual foi seu receituário anos antes do abandono do paciente.

Em 1925, Antônio Prado Jr., então presidente do clube, planejou e organizou, com o apoio de comerciantes, industriais e da imprensa paulistana, uma excursão à Europa como a última tentativa de salvar o futebol amador. Em março desse ano, a bordo do navio Zeelândia, o time viajou para a França a fim de disputar um torneio pan-latino¹⁹. Essa passagem dos jogadores do CAP por terras estrangeiras foi amplamente

freqüente os jogadores receberem uma premiação, desde 1923 chamada de ‘bicho’ [...] [porque] os comerciantes portugueses torcedores do Vasco recompensavam com uma vaca inteira as vitórias sobre o América [...] enquanto derrotar o Flamengo [...] valia uma vaca de três pernas” (FRANCO Jr, 2007, p. 72).

¹⁸ Arthur Friedenreich é conhecido como um dos maiores jogadores da história do futebol brasileiro. Jogou pelo Paulistano durante boa parte da carreira e encerrou-a no São Paulo, nos anos 1940.

¹⁹ Equipes argentinas e uruguaias também estiveram no torneio, mas sua participação foi avaliada como bem inferior à brasileira. Já os brasileiros venceram seis dos sete jogos que disputaram, perdendo apenas um.

acompanhada e explorada pela imprensa nacional²⁰. O jornal *O Estado de S.Paulo*, por meio de um enviado especial, publicava notas sobre o torneio e, em tom de coluna social, narrava momentos de descanso e lazer da equipe. Entre elas, há a interessante descrição do encontro entre Antonio Prado Jr. e Jules Rimet, em jantar que homenageava a equipe. O conteúdo de sua conversa sobre o amadorismo na França e no Brasil é altamente revelador das posições assumidas diante do que começava a ser chamado de *modernização* do esporte:

Meu jovem amigo, [...] o que ha de peor em tudo isto é que a situação de facto se oppoe à de [?], o sr., eu, os outros, todos nós, enfim, escrevemos sempre, falando das divisões de cada dia, 'quatorze horas', 'dezoito horas', 'vinte e três horas'. Mas nunca, note bem que nunca, ou com raridade tal que constitue verdadeira surpresa dizemos senão 'duas horas', 'seis horas', 'onze horas'. O amadorismo é um estado ideal, um sonho de perfeição, e, assim, praticamente inatingível. Conhecemos - sofremos mesmo - todas as manifestações do profissionalismo. Não podemos, porem, combatel-o radicalmente na sua essência, pois ela tem fundamento na própria natureza humana. É um verdadeiro 'estado de consciência', inaprehensível, pois. Podemos quando muito restringir seus efeitos" (O Estado de S.Paulo, maio de 1925).

O dilema entre amadorismo e profissionalismo consistia, nas palavras de Rimet, na essência de cada um deles. Enquanto um se afigurava um “sonho de perfeição”, o outro estava inscrito na natureza humana. Seria terreno e histórico, portanto. Essa defesa do amadorismo repercutiu na imprensa e também fortaleceu a decisão do clube Paulistano em abandonar o futebol “em nome” desse ideal, embora existam indícios que indiquem outras razões, menos essencialistas, para o fato.²¹

Pode-se afirmar que há semelhanças no uso do termo amadorismo pelo Clube Anhanguera e pelo Paulistano e que ele representa mais do que a simples oposição ao sentido imediato do profissionalismo, como presença de remuneração para a prática do jogo. O termo amadorismo funciona como uma espécie de distintivo que caracteriza um modo de vida que, por sua vez, parece ser sustentado por um amplo repertório de princípios morais. Por uma “reserva moral”, segundo a análise de SEABRA (2003)

²⁰ O acervo do clube dispõe de cópias de jornais nacionais e internacionais que acompanharam o evento. As revistas **Careta** e **A Cigarra** também noticiaram a excursão.

²¹ Exploradas em pesquisas recentes, como exemplo ver SALUM (2007).

sobre a trajetória do clube Açucena.²² Para ela, os clubes de futebol de várzea substituíram a igreja em algumas de suas funções sócio-políticas como a organização de tempos e espaços da comunidade. Além disso, funcionaram como um depositário de valores morais, um guia de conduta para a comunidade em face do enfraquecimento do poder institucional da igreja nos bairros, antes responsável por esse papel.

HOLLANDA (2010) e DAMO (2008) também se debruçam sobre o papel que os clubes de futebol representam para sua comunidade. Para ambos, os clubes oferecem estabilidade de sentidos, uma ideia de permanência que garante a adesão afetiva dessa comunidade²³ diante da efemeridade que caracteriza a passagem dos profissionais do esporte por eles. Essa estabilidade, pautada em um repertório se não estritamente moral, pelo menos repleto de lemas e signos, sustenta os elos identitários e a fidelidade clubística de sócios e torcedores.

Outro aspecto a ser notado é o fato de que os dois clubes formulam sua ideia de amadorismo em período coincidente: meados dos anos 20 e início dos anos 30. Tal coincidência, associada aos elementos acima apontados, sugere que os clubes estavam dialogando não apenas com as situações vivenciadas internamente – a briga de Saverio ou a decisão de abandono do departamento de futebol – mas também com conjuntura mais ampla, relacionada à inevitável profissionalização do esporte naquele contexto. A novidade, já antecipada em arranjos como o citado *bicho* e a incorporação, nos clubes de elite, de jogadores não oriundos das famílias aristocráticas, amedrontava tanto “a várzea” quanto a “elite”.

Os anos 1930 são centrais para a compreensão dessa cisma. Nesse sentido, a análise do diálogo entre as modalidades *amadoras* de futebol, “de várzea” e “de elite”, deve considerar as transformações geradas pelo processo de profissionalização do esporte. A “reserva moral” constituída pelo clube Anhanguera – muito semelhante a que produziu o clube Paulistano – parece se configurar como uma reação a esse processo. A *honra*, a *tradição* e o *puro amor* ao esporte são os primeiros elementos para se

²² Em sua análise sobre a Associação Atlético Açucena, um clube de várzea do bairro do Limão, como forma de compreender as transformações sofridas pela cidade a partir dos anos 1940. A autora verifica que muitos clubes de várzea funcionavam como uma “reserva moral” para a comunidade, em substituição à vida comunitária e religiosa organizada pela igreja. Segundo ela, nos clubes, “como as famílias articulavam *por dentro* as atividades [sociais], o morador ficava menos abstrato, tinha nome e visibilidade social”. Ver: Seabra, 2003

²³ Por estarem dedicados ao futebol profissional em período mais recente, os pesquisadores se referem fundamentalmente à comunidade de torcedores.

diferenciar e se distanciar da nova modalidade de prática do esporte que, mergulhada no mercado de valores, dispensaria todo o repertório de um modo de vida estável, baseado em relações de proximidade e confiança por eles organizado.

Tal situação revela também uma série de aspectos relacionados à experiência dos sujeitos da cidade em meio às transformações urbanas nela ocorridas. As remodelações sócio-políticas iniciadas por um novo lugar que a capital passa a ocupar na economia do estado²⁴ no fim dos anos 20, altera a ocupação dos espaços da cidade e inaugura novas modalidades de disputa por ele. Tais transformações influenciam profundamente o modo como o futebol é organizado na cidade, seja pela ameaça de renovação das bases em que se dão as relações sociais em torno dos clubes, seja pelo processo de perda dos espaços livres tornados campos de futebol.

III. Referências

ANTUNES, Fátima M. R. F. **Com brasileiro, não há quem possa:** futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004. 301 p.

_____. **Futebol de fábrica em São Paulo.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinities:** Football, Polo and the Tango in Argentina. Oxford/New York: Global Issues, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAMPOS, Flavio de. MORAES, José Geraldo V. de. Dossiê Futebol. **Revista de História.** Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: Humanitas, n.163, 2010.

²⁴ Que pode ser resumida pela substituição de uma economia de base agrária para industrial.

- DAMATTA, Roberto (Org.). Esporte e sociedade brasileira. In: _____. **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMO, Arlei. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 2007.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. Madrid, Fondo de Cultura Económica, 1986.
- FAUSTO, Boris. **Negócios e ócios: histórias da imigração**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2009.
- FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- FRANCO JR., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUEDES, S. L. Esporte, lazer e sociabilidade. In: Carlos Benedito Martins; Luiz Fernando Dias Duarte. (Org.). **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil - Antropologia**. 1 ed. São Paulo: Anpocs; Discurso Editorial, Barcarolla, 2010, v. 1, p. 431-456.
- HALL, Michael. Imigrantes na cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX, 1890-1954**. São Paulo: Paz e Terra, v. 3, p. 121-151, 2004.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **Mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HIRATA, Daniel. **O futebol varzeano práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.
- HOLANDA, Bernardo Borges B. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- _____. **O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. In: **Geographia – Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense**, Niterói, v. 4, n. 8, p. 84-92, 2002.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **Metrópole em sinfonia**: história, cultura e música popular na São Paulo dos anos 30. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

_____. **Cidade e cultura urbana na Primeira República**. São Paulo: Atual, 1994. (Coleção Discutindo a História do Brasil.)

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **Resistência e Rendição**: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

_____. A cidade excludente e o clube do povo. **Revista de História**. (Dossiê Futebol). Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: Humanitas, n.163, 2010.

NETO, José Moraes dos Santos. **Visão de jogo**: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

PEREIRA, Leonardo. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo**: a cidade na primeira metade do século XX, 1890-1954. São Paulo: Paz e Terra, v. 3, p. 387-435, 2004.

REVISTA USP, São Paulo, n. 22, 1994. (Dossiê Futebol.)

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. **Revista Argumento**, Cidade, ano I, n. 4, 1973.

_____. **Negro, macumba e futebol**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SALUM, Oscar. **Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou tudo buona gente?** Tese - Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo 2007.

- SANTOS, Marco Antonio da Silva. **Futebol de várzea como espaço de sociabilidade.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.
- SEABRA, Odete Carvalho de Lima. **Urbanização e fragmentação:** cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão. Tese (Livre-docência em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole:** São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SHIRTS, Matthew G. Literatura futebolística: uma periodização. In: MEIHY, José C. S. B.; WITTER, José S. **Futebol e cultura:** coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.
- SCHPUN, Mônica Raisa. **Beleza em jogo:** cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Senac/Boitempo, 1999.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio:** o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.